

## **DEPOIMENTO DE UM MOÇO SOBRE A HOSPITALIDADE: O AMOR NOS TEMPOS DE PANDEMIA**

Testimony of a Young Man regarding Hospitality: Love in a Time of Pandemic

**RONALDO L. DIAZ<sup>1</sup>**

**DOI:** <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v12i3a13>

### **RESUMO<sup>2</sup>**

O presente texto traz reflexões sobre os tempos de COVID-19, a partir da história ‘O capitão e o moço’, de Alessandro Frezza, traçando um paralelo entre os tempos de pandemia da Gripe Espanhola e a situação da pandemia no mundo contemporâneo. Relacionam-se passagens do conto, narrando as dificuldades do isolamento de um jovem portador de uma doença autoimune, com o cotidiano vivido sob o COVID-19. Salienta-se a necessidade de resignação e resiliência para lidar com tempos muito difíceis.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Hospitalidade; Resiliência; Pandemia; COVID-19.

### **ABSTRACT**

This text is a vehicle for reflection regarding the time of COVID-19 pandemic, using the short story “Il Capitano e il Mozzo” by Alessandro Frezza to draw a parallel between the time of the Spanish Flue pandemic with the situation of the pandemic of the contemporary world. Passages of the short story are analyzed, reporting the challenges of the isolation suffered by a Young man

---

<sup>1</sup> **Ronaldo L. Diaz** – Graduado. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, RS, Brasil. Currículo <http://lattes.cnpq.br/7431236260526669> E-mail: [rdiaz@ucs.br](mailto:rdiaz@ucs.br)

<sup>2</sup> **Processo Editorial Seção Especial Covid-19** – Recebido 12 JUN 2020; Aceito 15 JUN 2020.

diagnosed with an autoimmune disease, and the daily activities under COVID-19. It is reinforced the need for resignation and resilience to handle extremely difficult times.

#### **KEYWORDS**

Hospitality; Resilience; Pandemic; COVID-19.

#### **UM CERTO MOÇO**

As pandemias modelam o curso da história humana desde os primórdios da civilização, dada a fragilidade de nossa condição biológica. A quarentena que está ocorrendo sob o COVID-19 não é a primeira e não será a última. Nossa geração não é a primeira a sofrer por isto, e também não será a última. Em momentos de caos, sempre se perspectivam explicações, na clara tentativa de estabelecer uma ordem.

Não está sendo diferente nesse tempo de COVID-19.

Circula, pela Internet, a história ‘O capitão e o moço’, cuja autoria é creditada a Gabriel Garcia Márquez, de seu livro ‘O amor nos tempos do cólera’. Como nem tudo é o que aparenta, os direitos autorais devem ser creditados a Alessandro Frezza, de acordo com o colunista Mario Motta, que o entrevistou. Achada a paternidade, vamos à história: o conto aprofunda o impacto pessoal advindo da quarentena necessária devido à Gripe Espanhola, ocorrida em 1918. O conto descreve as práticas de isolamento, como ter seu mundo restrito a um barco ou a um pequeno apartamento durante a quarentena, bem como relata o sofrimento dos indivíduos frente ao distanciamento.

Nesse texto, escrito na forma de depoimento, busco traçar um paralelo entre a situação de isolamento e quarentena vivida pela personagem O Moço e as minhas próprias inquietações. Escrevo na tentativa de exorcizar os meus próprios demônios. Escrevo porque o texto que me chegou em mãos, via Internet, fez-me refletir sobre hospitalidade, acolhimento e amor em tempos de pandemia. Faço, pois, um paralelo entre os sentimentos expressos pela personagem e aqueles que me circundam. É a minha jornada pessoal que se apresenta, são os meus sentimentos de resignação e resiliência que conversam com aqueles da personagem. Para tal, como metodologia para reflexão, apresento recortes do texto lido, faço análises e aproximações com o meu tempo, com a minha história.

A realidade é deveras complexa. Para compartimentalizá-la, utilizo a ficção, a qual ajuda o ser humano a comparar a sua trajetória com a de seus semelhantes, permitindo a ele a capacidade de entender a si e aos outros. É esse o poder da literatura: somos capazes, através das páginas de um livro ou de uma boa história, de viver a vida de muitos outros seres humanos. Somos capazes de nos relacionarmos, criando um paralelo com a trajetória vivida pelas personagens. Essas histórias são como depoimentos que nos ensinam sobre nós mesmos e sobre a nossa jornada.

### **‘O CAPITÃO E O MOÇO’**

- *Capitão, o menino está preocupado e muito inquieto devido à quarentena que o porto nos impôs!*
- *O que te inquieta, menino? Não tens comida suficiente? Não dormes o suficiente?*
- *Não é isso, Capitão. É que não suporto não poder ir à terra e abraçar minha família.*
- *E se te deixassem sair do navio e estivesses contaminado, suportarias a culpa de infectar alguém que não tem condições de aguentar a doença?*
- *Não me perdoaria nunca, mas para mim inventaram essa peste.*
- *Pode ser, mas e se não foi inventada?*

Eu não estou preso em um porto, eu estou confinado na segurança de meu apartamento. Também tenho as garantias de alimentação e acomodação. Enquanto escrevo isso, estou na frente de uma tela de um notebook, conectado a uma Internet de banda larga com o ar condicionado ligado, agasalhado, sem passar frio.

Mas essa segurança, por si, não basta. Quero mais, preciso de mais.

Compreendo o que o moço está sentido: a distância física e a saudade do abraço e do carinho do seio de sua família. Eu entendo essa falta, a falta daqueles que amo e que guardo no coração. Sinto, junto com o moço, como o amor é essencial na vida e como ele faz falta para me sentir acolhido na minha rotina. Sinto, pois, a frieza advinda daquele abraço não dado, interrompido em um dia qualquer de março. Falta daquilo que tive e que não sei bem quando poderei voltar a ter.

Hoje, eu entendo o que o moço passa.

Eu imagino um jovem rapaz diagnosticado com uma doença autoimune, esclerose múltipla, fazendo parte do grupo de risco para infecção grave pelo COVID-19, isolado em quarentena absoluta, carecendo do contato com os amigos, com saudades do abraço da família e sem poder frequentar a faculdade. Compreendo os efeitos da quarentena na psiquê humana: o sofrimento, longe de ser físico, é mental e palpável.

Mas, para alguns, ainda permanece a ideia de que se tenho comida, abrigo e segurança, as primeiras ofertas de hospitalidade, não teria do que me queixar. Estou em casa, no meu lar. Mas a falta persegue a mim e ao personagem. E é essa falta que me imobiliza, pois também sei que não posso sair, há uma questão ética que se impõe e sobre a qual o próprio capitão nos alerta: estaria eu preparado para arcar com o fato de ter infectado a outras pessoas? Não fico em casa só por mim. Mas por mim também me deixo abater. Na minha quarentena, o gesto de acolhimento ao outro na verdade se dá através de um ato de não acolhimento, a fim de preservar a minha saúde e a de meu próximo. Isto é tanto contraditório quanto complexo, respeitar a mim e ao próximo através da inospitalidade. Requer-se resiliência através da resignação em tempos muito difíceis.

*- Entendo o que queres dizer, mas me sinto privado da minha liberdade, Capitão, me privaram de algo.*

*- E tu te privas ainda mais de algo.*

*- Está de brincadeira, comigo?*

*- De forma alguma. Se te privas de algo sem responder de maneira adequada, terás perdido.*

*- Então quer dizer, segundo me dizes, que se me tiram algo, para vencer eu devo privar-me de mais alguma coisa por mim mesmo?*

*- Exatamente. Eu fiz quarentena há 7 anos atrás.*

*- E o que foi que tiveste de te privar?*

Eu entendo o medo que a minha família tem, da angústia de se aproximar de mim para aplacar minha saudade, mas correr o risco de me contaminar, já que sou mais vulnerável que eles. Isso me causa muita ansiedade, tenho medo de adoecer, de pegar uma infecção qualquer que talvez meu organismo não seja capaz de derrotar, de conviver. Ao mesmo tempo, tenho medo pela

minha família, que sofre por essa necessidade de estar longe de mim. A angústia e a ansiedade passam a ser minhas piores companheiras, mas, mesmo assim, companheiras.

Estou em um novo mundo, impedido de me locomover. Repentinamente, estas quatro paredes se tornaram meu ambiente, demarcando as fronteiras de meu isolamento daqueles que amo e que são essenciais em minha vida. Tenho medo de tornar-me uma falta ainda maior para eles, contaminar-me, adoecer e não estar mais aqui para cuidar deles, para ver as crianças crescerem, conhecer os adultos que se tornarão.

Entendo a finitude da situação de quarentena contra o fato definitivo que pode se tornar uma doença, mas isso é incapaz de mitigar o sofrimento emocional por que passo. Corro risco de jamais poder sentir novamente o abraço e o calor daqueles que me amam, que me acolheram em suas vidas.

O futuro tem o tamanho das próximas 24 horas.

Entendo, desta forma, a privação que o moço se vê obrigado a passar. A privação não é física: é emocional. A temporalidade não é presente: é uma luta pela manutenção do futuro. A morte, entendida como a única situação definitiva da condição humana, passou a ser o evento que mais temo, assim como o Moço.

*- Eu tinha que esperar mais de 20 dias dentro do barco. Havia meses em que eu ansiava por chegar ao porto e desfrutar da primavera em terra. Houve uma epidemia. No Porto Abril nos proibiram de descer. Os primeiros dias foram duros. Me sentia como vocês. Logo comecei a confrontar aquelas imposições utilizando a lógica. Sabia que depois de 21 dias deste comportamento se cria um hábito, e em vez de me lamentar e criar hábitos desastrosos, comecei a comportar-me de maneira diferente de todos os demais. Comecei com o alimento. Me impus comer a metade do quanto comia habitualmente. Depois comecei a selecionar os alimentos de mais fácil digestão, para não sobrecarregar o corpo. Passei a me nutrir de alimentos que, por tradição histórica, haviam mantido o homem com saúde.*

Eis o capitão ensinando ao moço. Ensinando a mim.

Não há o que fazer, resigne-se e se adapte, pois tanto a resignação quanto a adaptação são inescapáveis no contexto da quarentena prolongada. São elas a força para passarmos pela

epidemia. Assim, não de forma tão consciente quanto a do capitão, fui obrigado a me adaptar, a viver a dificuldade da mudança abrupta da rotina diária.

Olho ao meu redor e não há mais ninguém além de mim mesmo. Meus amigos e minha família, sempre tão próximos, tornaram-se distantes, visíveis apenas através de uma tela. Atividades diárias banais, como ir à academia, tornaram-se impossíveis, terminantemente proibidas pelo meu médico. Experiências presenciais tornaram-se digitais, tive de me adaptar com criatividade e me resignar a essa realidade: os exercícios que fazia na academia tornaram-se momentos em que usei plataformas de vídeos para orientações de exercícios caseiros improvisados, para manter a condição física.

Os primeiros dias foram difíceis e cruéis. Tive de usar medicamentos para me ajudar a lidar com a ansiedade que essa rotina da quarentena me trouxe. De fato, já existem estudos que indicam que a ansiedade, advinda da situação de isolamento social, já se configura como um grande mal, de consequências nefastas. O COVID-19, penso eu, não veio sozinho.

As aulas, que costumavam ser um momento de confraternização física e intelectual, tornaram-se momentos digitais; os apertos de mãos e abraços, substituídos por acenos por uma Webcam. Eu estava amando novas rotinas, como a natação e, de repente, tudo parou, todas as instituições que me acolhiam estavam de portas fechadas, a hospitalidade apagada. Fui despejado de minha própria vida presencial. O que fazer? Não parecia haver, para mim, maior movimento de hostilidade do que esse, o de ser alijado de mim.

Criar novos hábitos, resignar-me ou me tornar anfitrião de mim, mesmo quando isso parece muito difícil, quase impossível. Falar é sempre mais fácil do que fazer. E o que dizer quando se recebe a notícia de que o teu pai, residente em outro país, está doente, com dores no peito? Sair correndo em direção ao aeroporto e embarcar no primeiro voo rumo à família, obviamente. Mas o corpo ficou parado, enquanto a alma buscava o alento daquela outra que no estrangeiro estava.

Comigo a certeza de que o mantra é “não posso”. Tenho que me resguardar, proteger a mim mesmo, para poder estar lá no futuro. Preciso me adaptar e desenvolver resiliência, se não for isso, pelo menos resignar-me a essa situação temporária.

Por isso entendo o que o Capitão passou, estou tendo que me adaptar e me resignar com tudo o que está havendo. Tenho de aceitar essa situação sobre a qual sou impotente. Felizmente,

em 2020, temos os meios digitais de comunicação, podemos manter uma sombra da nossa rotina, fazer exercícios em casa e nos encontrarmos para aulas virtuais. Mas não é a mesma coisa: nada substitui o acolhimento do contato humano. Agora estou mais adaptado e resignado, inclusive consegui reduzir minha medicação. O tempo me ajudou a tolerar e a aceitar situações as quais sou incapaz de mudar.

*O passo seguinte foi unir a isso uma depuração de pensamentos pouco saudáveis e ter cada vez mais pensamentos elevados e nobres. Me impus ler ao menos uma página a cada dia de um argumento que não conhecia. Me impus fazer exercícios sobre a ponte do barco. Um velho hindu me havia dito anos antes, que o corpo se potencializava ao reter o alento. Me impus fazer profundas respirações completas a cada manhã. Creio que meus pulmões nunca haviam chegado a tamanha capacidade e força. A parte da tarde era a hora das orações, a hora de agradecer a uma entidade qualquer por não me haver dado, como destino, privações graves durante toda minha vida.*

*O hindu me havia aconselhado também a criar o hábito de imaginar a luz entrando em mim e me tornando mais forte. Podia funcionar também para as pessoas queridas que estavam distantes e, assim, integrei também esta prática na minha rotina diária dentro do barco.*

Minhas emoções se confundem, o que aumenta a dor do isolamento.

Sinto um vazio pela falta do contato humano. Vejo meus vizinhos à distância, de máscaras, acenando de longe. Acenam com receio de serem infectados ou de contaminarem uns aos outros. Meio assustado retribuo o gesto, mas isso não é o suficiente: são apenas alguns segundos de contato visual distante. Esse contato breve não supera aquele abraço ou o aperto de mão, o qual poderia aliviar e me transmitir coragem e força para continuar a lutar pela minha vida e a trilhar meu caminho.

Neste momento, percebo o quanto na formação de hábitos, a tolerância se faz necessária nessa minha nova rotina. Sinto que toda a situação, que ainda quero crer temporária, faz-me refletir sobre a fugacidade da vida. Mais que isso, meu olhar agora é outro. Não estou ainda como o capitão que se armou estrategicamente para lidar com a situação. Ainda sinto falta daquilo que tinha, mas que, pela força do hábito, não era capaz de dimensionar em importância. Quero um

abraço, quero palavras de carinho. Enfim, entendo, nesta situação, o quanto preciso dos outros para sobreviver, para seguir em frente com minhas metas e meus objetivos.

Como a personagem, também precisei propor a mim mesmo novos desafios, que fossem capazes de me manter saudável e em pé. Tive de reorganizar meus dias e horários, refazer minha agenda semanal, incluindo meus exercícios e a nova modalidade de aulas síncronas on-line. Estou tendo de ver meus professores, meus mentores e meus colegas à distância, sem realmente saber de que forma eles estão conseguindo enfrentar a pandemia, como cada indivíduo, em suas particularidades e singularidades, está se reinventado, esperando ansiosamente o momento em que tudo passará.

Além de me resignar, tive de aprender a aceitar as sugestões de outros e a olhar o mundo considerando meu próximo. Começo, pois, a aprender, na pele, o que é alteridade, o que representa efetivamente aceitar ao outro naquilo que ele tem de mais seu, o que é hospitalidade. Entendo um pouco mais o que representa o 'espaço entre' no qual a hospitalidade se efetiva.

Não foi fácil quando o isolamento completou dois meses.

Um dia, liguei o computador para participar de uma aula, sentia-me triste, incapaz de sorrir. Tratei de desligar o vídeo e o microfone, para que não pudessem ver minha tristeza. Nesse dia, a professora falou que logo estaríamos todos juntos, que estava morrendo de saudades. Tentei sorrir e imaginar aquela luz do sábio hindu em seus conselhos ao Capitão entrando dentro de mim e me dando forças para prosseguir e me deixar mais resiliente.

*Em vez de pensar em tudo que não podia fazer, pensava no que faria uma vez chegado à terra firme. Visualizava as cenas de cada dia, as vivia intensamente e gozava da espera. Tudo o que podemos obter em seguida não é interessante. Nunca. A espera serve para sublimar o desejo e torná-lo mais poderoso. Eu me privei de alimentos suculentos, de garrafas de rum e outras delícias. Me havia privado de jogar baralho, de dormir muito, de praticar o ócio, de pensar apenas no que me privaram.*

- Como acabou, Capitão?

- Eu adquiri todos aqueles hábitos novos. Me deixaram baixar do barco muito tempo depois do previsto.

- *Privaram vocês da primavera, então?*

- *Sim, naquele ano me privaram da primavera e de muitas coisas mais, mas eu, mesmo assim, floresci, levei a primavera dentro de mim, e ninguém nunca mais pode tirá-la de mim.*

Lendo esta curta história, tive o sentimento de que deveria me esforçar mais, pois tudo isso um dia passará e será apenas uma memória. Sinto a convicção de que irá passar, e de que olharei para as memórias desse período como um momento em que aprendi a olhar mais para dentro de mim mesmo, a aceitar o imutável e a ser mais forte diante das adversidades. Enfim, que há de se florescer na adversidade.

Como o Capitão, em vez de pensar em tudo que não posso fazer agora, fortaleço a minha mente, corpo e espírito, seja mexendo o corpo, seja participando de aulas on-line, com sorrisos do outro lado da tela ou com a voz dos meus familiares. Sei que o capitão floresceu e que desse florescimento ninguém poderá dele subtrair. Busco ver nele o meu próprio florescimento. Levar a primavera dentro de mim, eis para o quê a personagem me incita.

Mas, me perdoem, estou ainda longe desse florescer.

Busco ainda entender intelectualmente como a humanidade tratou de lidar com pandemias. E assim recorro à consulta em meios digitais. Encontro a morte rondando a humanidade, vejo-a em pandemias. Em uma busca rápida em meios digitais, NSCTOTAL (2020), encontro a morte rondando em tempos de pandemia. Essa mesma senhora que agora me amedronta já fazia isso em 541 d.C. E colheu muitas primaveras que não desabrocharam.

Percebo que, para cada momento de pandemia, outros movimentos de invenção e avanços se fazem presentes. Vejo na humanidade a capacidade de encontrar seus rumos, de florescer. Leio sobre como a humanidade aprendeu a lidar com diferentes vírus. Um novo alento advém dessa percepção. Tal como o capitão, deixo a luz iluminar o meu corpo. Aqueço-me nas certezas que a história me apresenta.

Ouçõ a exaustão sobre os cuidados que hoje todos devem tomar, sem exceção. Vejo que muitos procedimentos dizem respeito a questões sanitárias básicas. Entendo que não podemos baixar a guarda, pois vírus são hóspedes que não foram convidados, mas que se alojam de forma oportunista e, não raro, avassaladora.

Acompanho os avanços da Ciência, os esforços para a busca de uma solução que se diga definitiva. Mas entendo igualmente que o COVID-19 é daqueles hóspedes hospedeiros. Daqueles que invadem espaços e que têm prazer em acabar com rotinas. Sei que a Ciência conseguirá encontrar caminhos para controlar o COVID-19. Ela já fez isso em outros momentos da história. Sei que teremos sucesso no combate ao vírus. Porém, também sei que, por mais que achemos a vacina que poderá imunizar a todos (assim espero eu), outras pandemias aparecerão.

A nem tão doce certeza apoia-se na própria história da humanidade. Passamos por algumas pandemias, impossível achar que outras não virão. Na necessidade mais do que urgente de colocar na lógica o que nos tirou completamente dela, busco entender sobre momentos de outras pandemias. Elaborei um Quadro.

**Quadro 1 – Pandemias mais relevantes da história da humanidade**

Peste de Justiniano	O primeiro caso de Pandemia registrado foi por volta de 541 D.C. Iniciou no Egito e chegou à capital do Império Bizantino. Provocada pela peste bubônica, transmitida através de pulgas em ratos contaminados.
Peste Negra	Em 1343, a peste bubônica foi mais uma vez a causa de outra pandemia que assolou em sua totalidade os continentes asiático e europeu. A Peste Negra teve seu auge no ano de 1353 e estima-se que matou um terço da população europeia à época.
Gripe Russa	Em 1580, existem relatos da primeira pandemia de gripe, que se espalhou por Ásia, Europa, África e América. Séculos depois, em 1889, a Gripe Russa foi a primeira a ser documentada com detalhes.
Gripe Espanhola	Em 1918, a Gripe Espanhola causou a morte de 20 a 50 milhões de pessoas, afetando não só idosos e pacientes com sistema imunológico debilitado como também jovens e adultos.

**Fonte:** Quadro elaborado pelo autor, 2020.

E, na análise, reitero a certeza de que a história é cíclica. Isso não me consola, muito pelo contrário, sinto-me fragilizado, como se despido da certeza de que tudo passará, de que tudo vai dar certo. Retorno à leitura da história 'O Capitão e o Moço' e vejo que está tudo lá. A literatura me diz que existe circularidade nas ações: o Capitão consola o moço. E a autoridade desse consolar encontra-se no fato de ele, Capitão, já ter vivenciado uma realidade de isolamento.

Dou-me conta que talvez o momento seja bem mais difícil para o Moço, que enfrenta a saudades e o confinamento pela primeira vez. Pela primeira vez lhe é negado o direito de ir e vir. E vejo que o Capitão, na sabedoria de quem por isso já passou, é capaz de melhor ensinar: tanto ao Moço da história como ao moço de hoje.

A resiliência e a esperança do Capitão são o meu porto seguro. Sonho com um novo amanhecer. Para mim, nesses tempos de COVID-19, o importante, acima de tudo, está se presentificando no fato de o quanto pude aprender sobre mim mesmo e o quanto vou poder ajudar aqueles que estão ao meu redor. No momento em que essa tempestade passar, vou poder abraçar meus amigos a minha família e acolher a todos que de mim se aproximarem. Serei como o Capitão, que contará a sua história para um outro moço, quem sabe um outro com a mesma doença que a minha. Serei como o Capitão, que se abre para ouvir os anseios e aflições de um jovem que se vê subtraído de seus abraços e contato com familiares.

Ao contar a minha história, tal como o Capitão, direi que sobrevivemos e, que mais do que isso, podemos muito aprender, florescer, já que o maior porto seguro que temos é o nosso espaço interno. Busco uma imagem do SBCoaching (2018), para fortalecer o meu próprio entendimento:



Mantenho a imagem próxima, para não me esquecer do quanto a flexibilidade, adaptação e aprendizagem podem me construir mais resiliente. Releio o texto e espero alcançar minhas metas e meus sonhos.

Sei que posso.

Sustento-me na história lida, que diz sobre mim. Se existem medos e angústias, permito-me encher-me de luz. Concluo que os anseios, angústias e medos são semelhantes para todos nós e todas as pandemias. Apesar da melhora da condição social nos últimos cem anos, a condição humana e o desafio de enfrentar a dificuldade com resiliência permaneceu o mesmo.

## REFERÊNCIAS

Frezza, A. (s.d.) *O capitão e o moço*. [Link](#)

NSCTOTAL (s.d.) *Em tempos de coronavírus, um texto me faz viajar*. [Link](#)

Streck L. (2020) Sairemos melhor dessa? *O Sul*. [Link](#)

Diaz, R. L. (2020), Depoimento de um moço sobre a hospitalidade: o amor nos tempos de pandemia, **Rosa dos Ventos Turismo e Hospitalidade**, 12 (3 – Especial Covid-19), 1-12, DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v12i3a13>

Resiliente (s.d.) *O que é, principais características e atitudes.* [Link](#)

Sanarmed. (s.d.) *Pandemias na História: o que há de semelhante e de novo na Covid-19.* [Link](#)